

PINA MARTINS E A LITERATURA ITALIANA

JOÃO BIGOTTE CHORÃO*

A minha mais remota memória do que viria a ser o Prof. Pina Martins remonta aos tempos de Coimbra, quando ele era ainda estudante. Creio que morava na Av. D. Afonso Henriques, onde eu vivia então, perto do Penedo da Saudade. Perto também erguia-se o Convento das Carmelitas, onde se recolhia em clausura a Irmã Lúcia. Na mesma avenida, mas do lado oposto, ficava o Liceu D. João III, Liceu Normal onde faziam exame de estado os candidatos a professores do ensino secundário – Liceu dos mais exigentes e prestigiados do País.

Nessa época, chamava-me a atenção a figura elegante de um estudante em tudo singular - no porte, como que alheado do mundo circundante, muito diferente do estudante comum. Sempre com livros e jornais debaixo do braço, aumentava a minha curiosidade saber que colaborava na imprensa e até publicava livros.

*Escritor e crítico, João Bigotte Chorão tem vindo a dedicar particular atenção ao diarismo, ao memorialismo e à epistolografia. Foi Director literário da Editorial Verbo. É assíduo colaborador de várias revistas e autor de numerosos prefácios e estudos. De entre as suas obras em volume, recordem-se as mais recentes, *O essencial sobre Tomaz de Figueiredo* (2000), *Galeria de retratos* (2000), *Diário quase completo* (2001; Grande Prémio de Literatura Biográfica APE/C) e *O espírito da letra* (2004). É membro da Comissão Científica da revista *Estudos Italianos em Portugal*.

Soube mais tarde que assinava os seus artigos, os seus ensaios, os seus livros e traduções como Duarte de Montalegre, pseudónimo que então usava.

Na revista *Estudos* do Centro Académico de Democracia Cristã, de que vim a ser redactor, encontrei em fascículos de anos anteriores textos de Duarte de Montalegre. Era um tempo, esse, em que gostávamos de saber quem nos precedera e o que fazia. Alguma coisa se aprende sempre dos mais antigos e mais dotados.

No número comemorativo das bodas de prata dos *Estudos* (1948), lá se referenciam textos de Duarte de Montalegre, de alguns dos quais se fez separata, como “Juventude e Educação”, “O Amor, redenção do mundo moderno” (1943). Contemporaneamente, fazia traduções, de que citamos só *Jesus Cristo*, de Karl Adam (1947), obra que Joseph Ratzinger confessa ter tido grande influência na sua formação espiritual. No campo literário, além de colectâneas poéticas, referimos o *Ensaio sobre o parnasianismo brasileiro* (1945) e *Reflexões críticas sobre Eça de Queirós* (1947). Um pouco mais tarde (1952) é a *Mensagem cristã de Pascal*.

Autores que nessa época mais terão marcado Duarte de Montalegre foram o Pascal de *Pensées* e Berdiaef, com o seu profetismo de *Uma nova Idade Média*. Não já para Duarte de Montalegre, mas para o humanista Pina Martins as referências são, sobretudo, Giovanni Pico della Mirandola, Marsilio Ficino e Thomas More.

Nos anos 60, caiu-me nas mãos o que julgo ser o mais significativo livro de Duarte de Montalegre: *Ensaaios de literatura europeia* (1963), longa viagem crítica por escritores de várias épocas e proveniência – castelhanos, franceses, romenos, húngaros, brasileiros, italianos.

Como o tema que me propuseram foi o do italianismo do antigo Presidente desta Academia, limito-me a autores que nesse livro mereceram particular atenção do Autor. Permito-me salientar dois que me são também especialmente caros:

Papini e Ungaretti, que aliás se cruzaram, seguindo cada um deles o seu próprio caminho.

O texto sobre Papini, escrito aquando da sua morte, tem a emoção própria do momento, sem comprometer a lucidez crítica sobre um autor que foi sinal de contradição. Aí, Duarte de Montalegre desfaz o equívoco que reduz a eloquência à retórica. A eloquência papiniana dá asas às *Lettere* de um Papa imaginário, Celestino VI, que no seu zelo apostólico se dirige aos mais díspares destinatários, com uma veemência que diríamos profética. Na obra de Papini, a sua preferência vai para *Vita di Michelangelo*, revelando já no então jovem estudioso um vivo interesse pelo Renascimento. Não ignorava, por isso, a acção de Papini como Presidente do Istituto per gli Studi sul Rinascimento, na cidade do Arno, e fundador da revista *Rinascita*. Chamou a colaborar especialistas, entre eles Roberto Ridolfi, a quem se devem excelentes biografias de Maquiavel e Savonarola. É também de Papini, a melhor que se escreveu sobre o polémico escritor. O qual escreveu originais ensaios sobre o Renascimento, depois reunidos no volume *L'imitazione del Padre*. Os grandes artistas renascentistas receberam já dos contemporâneos o título de *divinos*, como altos criadores de novos mundos, que dir-se-ia repetirem o *fiat* genesíaco. Depois da Idade Média cristocêntrica – que tem na *Imitação de Cristo* uma obra-prima de espiritualidade –, seguiu-se, com o Humanismo, a idade antropocêntrica, em que o homem é a medida de todas as coisas.

Na obra de Papini, destaca ainda Duarte de Montalegre a *Storia di Cristo* (livro muito pessoal e apaixonado, que marcou porém o grande teólogo, sempre preocupado com a racionalidade, Joseph Ratzinger) e *Un uomo finito*, obra-prima do escritor florentino e certamente uma obra-prima da literatura autobiográfica.

Por tudo isso, Duarte de Montalegre não hesita em considerar Papini, pelo seu poder verbal, génio inventivo e multiplicidade de interesses, escritor digno do Prémio Nobel,

que nos princípios dos anos 50 distinguiu um autor de indiscutível mérito como Mauriac.

Maior desenvolvimento tem, nos *Ensaio de literatura europeia*, Giuseppe Ungaretti, também ele à altura do cobiçado prémio da Academia Sueca. Não já em artigo, mas num ensaio sobre “o humano e o divino” na poesia de Ungaretti (diga-se, entre parêntese, que o mesmo título deu Pina Martins, em *Estudos Italianos*, à obra de Dante). Naquele ensaio, acentua Duarte de Montalegre o que Ungaretti trouxe de novo a uma poesia que oscilava entre o legado de Carducci e de D’Annunzio. Contra essa tradição clássica, retórica e ornamental, rebelou-se Ungaretti, paradoxalmente, digamos assim, *descoberto* e valorizado por um escritor carducciano como Papini. Ungaretti despojou o verso até uma nudez essencial, em que o verbo mais sugere do que diz, “Tra un fiore colto e l’altro donato/ l’inesprimibile nulla”. A “revolução” de Ungaretti está nesse “inexprimível nada” que é tudo. Os vários títulos de Ungaretti foram reunidos no volume *Vita d’un uomo*. Um homem provado pela vida, que o não poupou à morte de um filho – “a maior dor humana”, segundo Camilo -, e atraído por experiências estéticas vanguardistas.

A integrar a famosa trilogia de protagonistas da cultura italiana do século XX, não se pode omitir o nome de Benedetto Croce. Figura olímpica de um patriarca a quem muitos prestam culto, diferenciava-se tanto de Papini como de Ungaretti, inquietos aventureiros do espírito que o filósofo tratava não sem alguma sobrançeria, ele que era escritor de ática prosa. À dimensão cultural e literária de Croce presta homenagem o autor dos *Ensaio de Literatura Europeia*: também ele era um sério candidato ao famigerado Prémio Nobel. Mas como não há bela sem senão, Duarte de Montalegre não cala alguma reserva ao filósofo napolitano. O autor do *Breviário di estetica* não aceitara a poesia como pura actividade espiritual, desligada de vínculos racionalistas ou despiada de ideias. Repudiava o espectacular dinamismo futurista e

as suas “palavras em liberdade”, e de igual modo repudiava a “escrita automática” surrealista, com as suas arbitrárias associações de palavras. No seu gosto antilógico e antimoderno, Croce decretou o que é poesia e não poesia. Nessa antinomia, a poesia de Ungaretti seria não poesia, por lhe faltar um discurso articulado.

Ao despedir-se do pseudónimo, o autor dos *Ensaio de literatura europeia* achava que a esses e outros escritos faltava lastro cultural, erudição indispensável, bibliografia exaustiva. Eram textos de carácter divulgativo, nada mais do que isso. Mas divulgar um tema ou um autor não pressupõe conhecimento aprofundado que se expõe sem aparato crítico? Das cinzas de Duarte de Montalegre, nasce o erudito humanista, o ilustre académico Prof. Pina Martins.

Quando nos seus livros já assumira o seu nome civil de José V. de Pina Martins, em 1971 publica um volume de *Estudos italianos*. Aí encontramos Dante e Boccaccio, Petrarca e os poetas do *dolce stil novo*, os grandes humanistas florentinos e, mais perto de nós, Leopardi e Francesco de Sanctis, Carducci e Croce. Estes últimos textos foram extraídos e refundidos de verbetes redigidos para a *Enciclopédia Verbo de Cultura*. Um verbete não é um ensaio – é uma síntese. E sínteses só as pode fazer quem saiba muito e tenha o dom de economia que, eliminando o acessório, se limite ao essencial.

Naturalmente o verbete sobre Leopardi justifica especial referência, não só por ser o alto poeta que é (e Duarte de Montalegre traduziu três dos seus grandes poemas, *L'Infinito*, *Il tramonto della luna*, *A se stesso*), mas também versado filólogo e mente filosófica que escreveu esse diário intelectual a que deu o título de *Zibaldone*. Para surpresa e satisfação nossa, vemos que na bibliografia desse verbete cita *Ensaio de literatura europeia*, onde Duarte de Montalegre incluiu “Três poesias existenciais de Leopardi”.

Na sua poesia depurada e escassa de imagens, Ungaretti recolheu a lição de Leopardi. A herança leopordiana inspirou

também os escritores da revista romana *La Ronda*, que depois do tumulto futurista se impôs uma disciplina clássica e um *ritorno all'ordine*.